



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Freitas Neto, José Alves de

Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino

História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,

vol. 4, núm. 7, noviembre-diciembre, 2011, pp. 78-93

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597770278006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino

Mitre and the building of an argentinean historiographical heritage

José Alves de Freitas Neto

Professor adjunto

Universidade Estadual de Campinas

jafneto@uol.com.br

Rua Cora Coralina, s/n – Cidade Universitária Zeferino Vaz

13083-970 – Campinas – SP

Brasil

Resumo

O artigo analisa o trabalho histórico de Bartolomé Mitre na Argentina da segunda metade do século XX. São apresentadas as polêmicas em torno da escrita da história, o debate em torno do rigor erudito, a composição do acervo documental e alguns temas enunciados em suas obras principais, a *Historia de Belgrano y de la independencia argentina* (1887) e a *Historia de San Martín y de la emancipación sudamericana* (1888). Nesse processo, busca-se abordar as relações entre política e história, assim como elementos que justificam a presença de Mitre no centro do debate historiográfico argentino, as contradições e paradoxos que o historiador sinaliza, assim como sua condição de patrimônio da cultura historiográfica platina.

Palavras-chave

Cultura historiográfica; História política; Argentina.

78

Abstract

This article analyses the historical work of Bartolomé Mitre from Argentina on the second half of XX century. This study presents controversial issues about his writing way of history, the erudite rigor, the documentary collection composition and some themes enunciated on his most important works, such as *Historia de Belgrano y de La independencia argentina* (1887) and *Historia de San Martín y de La emancipación sudamericana* (1888). In this process there is an aim for broaching the relations between Politics and History, as well the reasons which justify his presence in the center of the Argentinean historiographical debate, his contradictions and paradoxes which he made statements, additionally his condition of a particular person who belongs to Platine historiographical culture.

Keywords

Historiographical culture; Political history; Argentina.

Enviado em: 16/7/2011

Aprovado em: 19/10/2011

As frequentes críticas à historiografia vigente no século XIX revelam mais sobre o potencial das fundamentações teóricas, pressupostos políticos e domínios metodológicos que marcaram a construção daqueles discursos do que os equívocos e juízos atribuídos em tempos posteriores. As obras fundacionais de um modelo histórico-científico que emergiram em diferentes localidades e que se apresentavam como uma tarefa cívico-nacional converteram-se em verdadeiros patrimônios da cultura historiográfica oitocentista. As dinâmicas do conhecimento histórico em suas sucessivas tendências e propostas fazem com que reconheçamos grandes distâncias em relação aos textos do século XIX. A contínua e necessária revisão de fundamentos e pressupostos teóricos, originadas tanto pelas críticas realizadas pelos historiadores como pelas contribuições recebidas de outras áreas, não apagam alguns princípios estabelecidos pela historiografia do século XIX. Conceitos centrais como verdade, intencionalidades e disputas políticas, dentre outros, alimentaram os discursos produzidos por gerações de historiadores que, de alguma maneira, contribuíram para que verdadeiros monumentos historiográficos fossem constituídos nas origens dos Estados contemporâneos. Na Argentina, os textos de Bartolomé Mitre (1821-1906) ocupam esse lugar monumental.

O objetivo deste artigo é discutir como a obra de Mitre ocupa a centralidade no debate historiográfico argentino oitocentista a partir de dois fundamentos que se entrelaçam: os temas escolhidos pelo autor em suas narrativas históricas e a operação de escrita da história em seus aspectos teórico-metodológicos. Com isso, não se pretende potencializar a narrativa mitreana como ação modelar, mas discutir aspectos de sua historicidade e de sua perpetuação que ultrapassem a crítica a um modo de escrita problematizado por historiadores.¹

No trabalho sobre a historiografia argentina, escrito por Nora Pagano e Fernando Devoto, os autores afirmam o lugar central de Mitre entre tantos memorialistas, viajantes, ensaístas e todo tipo de gente que se dedicou a alguma abordagem do passado. Trata-se, segundo eles, de uma escolha convencional e não arbitrária, pois Mitre é tido como o primeiro que produziu obras históricas em seu sentido mais estrito, incluindo uma convergência entre esquemas gerais de interpretação do passado e uma série de instrumentos para operar com os vestígios deixados ao longo dos tempos (DEVOTO; PAGANO 2009, p. 8-10).

Mitre, um homem com intensa participação na vida política portenha e com produção vasta, tinha erudição e linguagens que permitem localizá-lo em

¹ O grande número de estudos dedicados a Mitre, em diferentes vertentes, pode ser utilizado como argumento que embasa a centralidade do autor no debate argentino. O propósito do artigo, reitero, é observar a edificação de um patrimônio argumentativo, como se observa na sequência do texto. Desta forma, algumas indicações importantes de trabalhos recentes, mas que não são problematizados no presente texto pelo escopo do trabalho e pela limitação de páginas, oferecem pistas para pensar a trama historiográfica que enreda a figura de Bartolomé Mitre. Dentre as pesquisas recentes destaco a análise de Fernando Devoto (2008), que entrelaça estudos comparativos entre Mitre, Bauzá e Varnhagen, considerando a representatividade dos autores nos estudos sobre as origens da Argentina, Uruguai e Brasil; o trabalho de Fabio Wasserman (2008) que debate, num sentido mais amplo, a formulação do conhecimento histórico, suas condições de produção, para além das polêmicas relacionadas aos temas apresentados na obra da historiografia argentina do período; a pesquisa desenvolvida por Alejandro Eujanián que discute sobre a profissionalização da historiografia argentina e os debates com outros polemistas que ajudaram a marcar a crítica historiográfica daquele país.

diferentes gêneros de escrita. Mas é na escrita da história que se reconhece um dos seus traços mais distintivos: não apenas a história é uma arma na luta política, como suas operações de escrita devem ser compreendidas como elemento central na legitimação do que teria sido o passado e as explicações oferecidas no momento que ele escrevia.

Vislumbra-se na obra mitreana a organização de uma narrativa total e suas sequências que abarcam temporalidades amplas que se estendem desde os povos pré-colombianos até o seu tempo. Ao estabelecer esse modo de escrita, como historiador, ele estabelece os feitos, as explicações plausíveis e uma interpretação global subordinada a uma concepção progressiva, que se ampara numa abordagem considerada, à época, consistente. A heterogeneidade dos processos estava subordinada a uma proposta de narrativa que se integra às lógicas que a tradição política liberal portenha queria estabelecer para a nação em formação. As multiplicidades são levadas a uma forma de síntese que auxilia a produção de marcos cronológicos (colonização, revolução, anarquia, governo Rosas, organização nacional) e articulações em torno de temas que se tornaram centrais, como a ênfase na história política e a concepção de uma história feita a partir de biografias de grandes personagens, como na *Galería de Celebres Argentinos* (1857) e nas obras mais detalhadas como a *Historia de Belgrano y de la independencia argentina* (com quadro edições revistas 1857, 1859, 1876/7, sendo a definitiva de 1887) e a *Historia de San Martín y de la emancipación sudamericana* (1888).

80

Quando um argumento constitui-se num patrimônio...

A obra histórica de Bartolomé Mitre é definidora de um conjunto de argumentos que marcaram a historiografia argentina da segunda metade do século XIX e adentrou os primeiros anos do século XX. Ao esboçar tradições que se legitimaram nos campos político e social, criou-se uma forma de narrar os acontecimentos argentinos a partir de um rigor metodológico que outras obras, mesmo tendo maior amplitude e divulgação, não possuem o mesmo paralelo para a tradição historiográfica argentina.²

A produção historiográfica proposta por Mitre incluía uma abordagem rigorosa sobre as fontes documentais e se diferenciava de relatos orais e de apelos à tradição. O argumento da comprovação histórica instaurava-se como um verdadeiro monumento que poderia elucidar e decifrar o passado, por meio dos registros deixados por antepassados e se distanciava da tradição ensaística

² Pensar e interpretar o passado, buscar explicações e relações que pudessem decifrar os problemas da sociedade argentina no século XIX foi um ofício ao qual muitos se dedicaram. Dentre os quais, Domingo Faustino Sarmiento e seu clássico *Facundo: civilização e barbarie* (1845) que é referência na tradição ensaística latino-americana, como observou Carlos Altamirano. "Digamos más: leímos con la perspectiva del tiempo transcurrido, muchos de los textos que nacieron de ese nuevo espíritu científico pueden ser colocados en el anaquel de los ensayos de interpretación de la realidad de nuestros países que inauguró en gran estilo el Facundo de Sarmiento. En otras palabras, pueden ser leídos como sus grandes ancestros, es decir, también como textos de la imaginación social y política de las élites intelectuales. de, de forma extraordinariamente reconhecida na cultura letrada daquele país" (ALTAMIRANO 2005, p. 24).

ou literária, representada por próceres da chamada *Geração de 1837*, que incluía o próprio Sarmiento, Juan Bautista Alberdi e Estebán Echeverría, dentre outros escritores.

O problema em tal abordagem, como se depreende, é que se cristalizam alguns textos canônicos, como fontes históricas, que se tornaram verdadeiros patrimônios, que enquanto tais e numa visão antiga, rememoram certas tradições e processos, mas que também podem ser vistos de forma reverenciada por aquilo que supostamente significaram e, de certa forma, interditam uma abordagem crítica. A própria produção histórica valorizada é daqueles que registraram seus esforços e que, de alguma maneira, encobriram práticas sociais coletivas em meio à conformação da história pátria que estava sendo erigida sobre os escombros do antigo vice-reino do Rio da Prata, nas décadas de 1850 a 1880.

Para não transformar Mitre em um ato fundacional da historiografia argentina sem contestação, faz-se necessário registrar as polêmicas e embates surgidos à época. As idas e vindas da política local, à qual Mitre estava profundamente envolvido, permitiram que o debate sobre o passado e os “métodos” da produção deste saber, ocupasse um lugar relevante na Argentina da segunda metade do século XIX. As contradições entre as elites ilustradas e suas vinculações com as tradições e legados históricos oferecia uma matriz epistêmica no interior do debate historiográfico e, de certa forma, contribuiu para tonar a nação uma realidade autoevidente (PALTI 2009, p. 93).

81

A principal polêmica sobre as origens da história protagonizada por Mitre foi com Vicente Fidel López (1815-1903), entre 1881 e 1882. No trabalho de Roberto Madero ficam evidenciadas as tensões do que significava “escrever a história”. Mitre propunha uma ordem objetiva que contemplasse os “mandamentos da natureza, da razão e do ideal”, buscando um conhecimento experimental a partir dos modelos das ciências físicas. Para ele seria possível, mediante os documentos recolhidos, “buscar uma totalidade evidente e necessária, a verdade e o bem” (MADERO 2001, p. 42). De forma mais enfática, Mitre afirmava que a investigação do historiador devia “constituir uma crônica dos sucessos passados, não como uma encarnação de uma capacidade adivinhatória ou intuitiva do historiador, mas como um produto do trabalho de comprovação” (MADERO 2001, p. 43).

Fidel López, por sua vez, passou para a tradição historiográfica chamada “erudita” ou “científica” e representada por Mitre, como um oponente que expressaria um jogo simplificador, com “sentimento, paixão e subjetividade”, um modelo “filosófico” (DEVOTO; PAGANO 2009, p. 16). Nesse jogo de dualidades supostamente definidas, Mitre representaria o futuro e o modelo de uma história que tem o seu encontro com a modernidade; López, a expressão arcaica da tradição. O embate entre os dois eruditos, ocorrido pelas páginas dos jornais, levou a mútuas acusações de imprecisões sobre os “feitos históricos”. As respostas de Mitre eram sempre acompanhadas do argumento de que “em sua história não há um único episódio que não pudesse ser documentado”; para López, por sua vez,

os nossos arquivos não contêm verdadeiros segredos, nem encerram nenhum problema histórico ou social a ser resolvido; contêm, quando muito, ínfimos ou curiosos detalhes sobre incidentes pessoais que em nada podem mudar a noção viva e geral que temos de nossa recente história e de nossa tradição de ontem (MADERO 2001, p. 24).

A discussão do método poderia parecer menos relevante se não considerarmos que era um exercício de consolidação de qual história seria “legítima” e “verdadeira” e, dessa forma, silenciava opositores e relacionava temas e “ensinamentos” que conferiam autoridade ao relato histórico. O relato de Mitre, que em 1854 fundou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio da Prata, foi editado e considerado ideal por gerações do início do século XX,³ pois com ele triunfaram a estratégia de que a ciência é o único modo possível de se conhecer, e a nação era o único objeto da memória. Ao propor uma história científica, Mitre abriu caminho para uma tradição que inclui a história das ideias e a história heroica. Ao partir das biografias como um elemento fundante de um modo de narrar, como o fez na *Historia de Belgrano*, o autor entrelaça biografia e “grandes acontecimentos”: “la historia contemporánea servirá de fondo a la figura principal del cuadro, y en otros aparecerá confundida entre las grandes masas o perdiéndose en la penumbra del grande escenario” (MITRE 1971, p. 56).

Identificar as operações e recuperar o calor da disputa em torno do passado a ser escrito foi objeto de importantes historiadores desde o início do século XX. Destacam-se na historiografia argentina sobre o embate, as obras de Ricardo Rojas (1916), de Rómulo Carbia (1925), de José Luis Romero (1943), Túlio Halperin Donghi (1980) e os trabalhos mais recentes dos citados Nora Pagano, Fernando Devoto, Roberto Madero e Elías J. Palti. Porém, mais do que fazer um inventário das diferenças entre Mitre e Fidel López, é possível perceber as vinculações entre os contendores e, porque a obra de Mitre sobressaiu-se num primeiro instante. Ambos tinham a preocupação em avaliar o passado e identificar legados, mas os modos de fazê-lo se distinguiam e as polêmicas tomaram ares de divisões irreversíveis. Como afirma Elias J. Palti, as duas perspectivas não eram tão díspares, pois nem López era alheio ao rigor heurístico, nem Mitre carecia de uma dimensão filosófica (PALTI 2009, p. 95).

O ponto que nos interessa retomar sobre o argumento historiográfico mitreano que se converte em algo intocável, que se “patrimonializa”, relaciona-se aos temas que compõem o argumento de suas obras. A avaliação do passado colonial e o estabelecimento de algum grau de previsibilidade em meio às incertezas políticas da chamada organização nacional são alguns dos pontos expostos por Mitre com grande domínio documental e operacional de escrita histórica. As tramas da história argentina são expostas como referências que

³ A *Nueva Escuela Histórica* (NEH) surgiu na segunda década do século XX tendo entre suas principais inspirações as considerações metodológicas de Mitre. Dentre os integrantes do grupo, embora com diferenças entre eles, destacavam-se Ricardo Levene, Rómulo Carbia e Emilio Ravignani (DEVOTO; PAGANO 2009, p. 140).

devem ser permanentemente discutidas e que, de alguma forma, se solidificaram como algo a ser conservado, a despeito de terem ou não pertinência em relação ao que originalmente significaram. É a própria herança em diálogo com o XIX e repetida em vários momentos do século XX como a matriz fundante intocável.

A formação do acervo do historiador Mitre: livros e documentos

As referências sobre o rigor historiográfico devem ser relacionadas a outro aspecto importante para o reconhecimento de Mitre como grande historiador: a sua relação com as fontes. A advertência inicial na *Historia de Belgrano* de que não há feito que não possa ser comprovado por documentos em seu relato, instiga-nos a observar minimamente a composição do acervo documental e bibliográfico de Mitre. As correspondências com amigos e diplomatas em outros países da América do Sul, nos Estados Unidos e na Europa, indicam um dado pouco debatido no trabalho de Mitre, mas que se relaciona com a autoridade que seu relato adquiriu na última metade do século XIX: a coleção de documentos que Mitre teve acesso.

Para Mitre dois aspectos interligados deveriam estar presentes num trabalho histórico: a investigação a partir de fontes inéditas e a relação destes com a bibliografia. Aspectos novos poderiam surgir a partir desta simbiose. Para tanto, ao longo de décadas, Mitre buscou adquirir documentos e livros em toda parte, sempre com o propósito de conhecer, como um homem das ciências dos Oitocentos, a verdade.

83

Para obter cópias de documentos e acesso a livros sobre a América, Mitre manteve uma intensa correspondência com personalidades eruditas e alguns arquivos. Dentre as primeiras destacam-se os historiadores chilenos Benjamín Vicuña Mackenna e Diego Barros Arana, o uruguai Andrés Lamas e com o francês Martín de Moussy. Quanto aos arquivos e instituições destacam-se as buscas realizadas por terceiros até o Archivo General de Indias, a Real Academia de la Historia, de Madri e bibliotecas em Madri, Roma, Paris. Além do contato com colecionadores que circulavam pela Europa. A circulação de documentos, a confiabilidade sobre eles, é um tema a parte nesse percurso. Mas desde 1842, ou seja, desde os 21 anos de idade, Mitre começou a organizar sua biblioteca dividida em quatro grandes temas: história, ciências e artes, belas letras e viagens (ACADEMIA NACIONAL 1957, p. 207)

As primeiras cópias de documentos originais foram obtidas do Archivo General de Indias, em 1859, e referiam-se ao vice-rei Baltasar de Cisneros e aos acontecimentos relativos à Revolução de Maio de 1810. Todo conjunto documental foi base para a fundação do Museu Mitre. De documentos do período colonial coligidos sob as ordens de Mitre registram-se, 138 documentos do período entre 1514-1603. Os documentos sobre as obras *Belgrano* e *San Martin* eram muito mais volumosos: mais de 10 mil manuscritos teriam sido utilizados por Mitre na composição de suas obras mais conhecidas. Trata-se de respeitado conjunto documental que atendia a um duplo papel: permitia conhecer e relatar as histórias, ao mesmo tempo em que inviabilizava a crítica ao trabalho, por

conta da robustez e qualidade das fontes. Ou ainda, de um patrimônio que se exibe na cultura historiográfica argentina.

A riqueza do material que ele manuseava, as críticas que realizava às suas fontes, os planos de trabalho, as notas explicativas, as correspondências e a sua biblioteca particular compõem um itinerário que pode ser ordenado para compreender as obras realizadas, seus momentos de escrita, as longas interrupções e até as obras desejadas e nunca realizadas, como a *Historia del descubrimiento, conquista y población del Río de la Plata*.

A grande obra ausente foi mencionada em carta ao historiador chileno Barros Arana, em 07 de setembro de 1864, e que o perseguiu por mais de uma década, como se verifica em outra carta ao mesmo destinatário em 20 de outubro de 1875. Para Mitre, a conquista do Rio da Prata era a única que não havia sido escrita sobre as regiões principais do domínio espanhol. O motivo, segundo o missivista, é que talvez fosse uma história menos dramática que a do México, Peru e Chile, mas que mesmo assim era um livro faltante, pois indicaria outro percurso da conquista, aquele que teria se realizado sem o apelo das minas de ouro e prata, mostrando como se ocupou o território e se desenvolveram as sociedades e os poderes locais. Nesse projeto haveria uma ideia cara a Mitre e que se propagou na historiografia argentina: a excepcionalidade *rio-platense* na história da América do Sul.

Para Mitre, havia muitos documentos ignorados por cronistas e que a história do Rio da Prata, estava por ser “feita e refeita” conforme indicavam as informações que ele obteve em suas fontes. A história, antes do início do processo de independência em 1810, estava por ser narrada. Ele tinha a convicção de que os documentos indicavam algo distinto do que a crônica realizara. Porém, a obra não foi executada: a sedução em torno da figura de San Martin, as sugestões de amigos e o dever político, indicava que a obra sobre o Libertador deveria ser prioritária.

84

Política e história em Mitre

Os extensos volumes das *Historias* de Mitre permitem identificar aspectos que ultrapassam a questão do método da escrita e lança olhar sobre temas importantes. A obra do historiador não permaneceu como patrimônio da cultura argentina apenas por seu rigor, mas insere-se numa gramática de temas que pretendemos esboçar de forma sucinta. Suas posições políticas, inseridas no ideário liberal do século XIX, destacam-se no conjunto de sua obra, assim como o otimismo em relação à história sul-americana e ao providencialismo que o justificaria, como observou Halperin Donghi (1987, p. 123).

A junção entre as visões política e histórica de Mitre é parte das tensões que sua obra demonstra e que permite observar a continuidade de algumas polêmicas, assim como de seus usos, ao longo do século XX. Se Mitre é apontado como o historiador rigoroso que comprova e marca o debate a partir de critérios “científicos”, como ele pode não ser influenciado diretamente pelas disputas políticas que protagonizava? A *Historia de Belgrano*, por exemplo, demorou

trinta anos para encontrar sua versão definitiva, ou seja, sua escrita iniciou-se em campo de batalha e encerrou-se após Mitre ter ocupado a presidência da Argentina (1862-1868). A resposta não é tão simples como aparenta, pois Mitre transita entre esses dois polos, política e história, sem pensá-los de forma separada. Uma, a história, tem um rigor a ser cobrado, é científica, mas não está desligada das condições de sua própria produção; a política, por sua vez, tem nos feitos passados e nas demandas constitutivas do discurso nacional, uma de suas linguagens. Por isso, a crença romântica de Mitre permite a construção de um largo caminho, no qual o ideal e a realidade vão se encontrar em algum ponto. As vicissitudes da construção do país, desde o processo de independência iniciado em 1810, a luta contra o caudilho Juan Manuel de Rosas e a organização da nação após a batalha de Pavón, inserem-se numa lógica que fazia sentido para Mitre e sua forma de conceber a história.

O historiador e o político, na tessitura mitrista, não seriam figuras opostas, mas um alimentaria o outro, por critérios de autoridade e rigor que supostamente seriam reconhecidos. Em tempos mais recentes, outros historiadores retomam essa vinculação entre o político e o historiador.

Durante as homenagens ao cinquentenário da morte de Mitre, em 1956, logo após a queda de Juan Domingo Perón, o presidente da tradicional Academia Nacional de Historia, Ricardo Levene afirmou que “Mitre sobrevive en sus ideas y esta vigencia constituye un legado que ha enriquecido el patrimonio moral argentino, ideas que siguen impulsionando la marcha del país con su poder irradiante” (ACADEMIA NACIONAL 1957, p. 252). Nas palavras de Levene, o espírito de Mitre é o daqueles que defendem a unidade política do país e o respeito constitucional, mesmo após “lutas, lágrimas e sangue”. Reconhece-se a violência, mas que o espírito de liberdade dos argentinos era um valor indestrutível, mesmo que ele se ocultasse em certos períodos da história do país.

Numa visão mais crítica, mas reconhecendo as vinculações entre a história e a política, Nicolás Shumway observa as escolhas dos biografados por Mitre, como um espelho das características gloriosas que Mitre atribuiria para si. “Mitre se justifica a si mesmo e a suas ambições como pensador-escritor-político-militar que aspirava em sua geração o papel que projetara sobre os predecessores cuidadosamente escolhidos” (SHUMWAY 2005, p. 212). Belgrano e San Martín, seus dois principais personagens, representam as forças políticas e militares do predomínio de Buenos Aires sobre o interior.

A história argentina do XIX é marcada por um repertório de conflagrações e de embates que tornavam comuns a ameaça da violência, da insurgência anárquica e dos riscos das convulsões. As *Historias* mitreanas são pródigas na reprodução de batalhas, no engenho militar e no domínio que estas deveriam ser enfrentadas para obter a vitória dos ideais que os líderes expressavam. Pensando uma vez mais nas relações entre o passado que foi vivido e seus usos políticos, podemos identificar uma clivagemposta a serviço dos projetos da chamada tradição liberal argentina, que não é homogênea, mas que está vinculada aos grupos unitários ao qual Mitre era um dos expoentes. A clivagem

está na distância entre os que viveram as histórias das independências e os que estavam lendo as obras publicadas nos anos 1870-1880. Os vestígios reconstruídos por Mitre, com os cuidados no manuseio da documentação já registrados, serviam para criar a linearidade e transpor para o projeto político pós-1862 a tarefa de concluir os ideários de libertação e consolidação da nação argentina, durante a chamada “organização nacional”. As ameaças de conflagração não deixavam de existir, mas eram vistas como uma etapa superada que apenas por deslizes poderia voltar a repetir, pois o traço evolutivo-providencialista da história argentina tinha, após alguns desvios, reencontrado o seu lugar na história universal.

O argumento histórico, em outra perspectiva, é usado para criticar a visão de Mitre como um dos artífices da nação. Sob o argumento da “necessidade histórica”, a violência da presidência de Mitre e a repressão às províncias são pouco questionadas, segundo Eduardo Luis Duhalde. As leituras das ações de Belgrano para assegurar os limites territoriais são observadas ou mesmo instrumentalizadas como sendo desdobramentos de uma mesma história, como se os rumos do país fossem fruto de uma ação alheia à vontade dos homens que as produziram, redundando numa espécie de fatalismo (DUHALDE 2005, p. 17). A questão da violência, tema importante para a historiografia argentina pós-última ditadura militar (1976-1983), é enaltecida na crítica de Duhalde, pois segundo o historiador, a leitura do consenso liberal em torno de Mitre criou uma conformação entre a história e a cultura política que justificaria o crime praticado pelo Estado, em vários momentos posteriores.

Mesmo que a crítica de Duhalde seja mais por sua leitura política do que pelo debate em torno da escrita da história que estamos analisando, trata-se de reconhecer que há uma cultura historiográfica, referenciada no legado de Mitre, que se relaciona diretamente com as visões do historiador-militar-presidente. Há, na leitura do século XIX, e na avaliação que Mitre realizou dos passados mais longínquos, a ênfase numa memória predominantemente liberal e o ocultamento de outras possibilidades dentro da tradição argentina. As raízes para tal êxito não parecem oriundos de um simples rigor ou superioridade metodológica, mas se entrelaçam com outras variáveis.

Temas das *Historias*

O complemento dos títulos das duas obras sobre Belgrano e San Martin é preciso em seu propósito de indicar os conteúdos que entrelaçam a biografia com a “independência argentina” e com a “emancipação sul-americana”, respectivamente. O tema das independências é o grande mote do século XIX para os países de colonização hispano-americana. Questões relativas às legitimidades políticas, às formas de organização, à participação de diferentes atores sociais e às disputas em torno do poder se associam a outras como as características dos povos, heranças que são assimiladas e os aspectos rejeitados e criticados em torno da nova realidade política e territorial das Américas. Com esse conjunto de temas, Mitre dedica-se a escrever as duas grandes histórias.

Os planos das duas obras seriam suficientes para indicar o modo como Mitre concebeu as obras. Nas reedições da *Historia de Belgrano*, após ser criticado, ele não ocultou as imprecisões e agregou capítulos a fim de dirimir dúvidas e, de certa forma, reforçar sua interpretação como mais criteriosa e digna de respeito.

Na impossibilidade de esgotar os temas e as descrições realizadas pelo historiador podemos vislumbrar dois aspectos que nos parecem dignos de nota e elucidativos de sua escrita da história e da forma como articula documentos e argumentos em torno de algumas premissas. Os dois aspectos destacados são o processo de independência e seu quadro anárquico e o americanismo de Mitre.

A Revolução de independência e o quadro anárquico

No capítulo XXX da *Historia de Belgrano y de la independencia argentina*, Mitre dedica-se a analisar o período entre 1816-1817 sob o título "La anarquia". As disputas entre federalistas e unitários, após o Congresso de Tucumán, as insurreições que ocorrem no interior do país e a fragilidade do processo emancipatório são os temas do capítulo. O político-historiador expressa uma concepção que impede uma leitura simplificada do processo: a revolução argentina era um acontecimento múltiplo e complexo, com contraditórias manifestações. O que poderia ser lido como uma reprovação é ilustrado como o desenvolvimento das forças sociais que se defrontavam nos embates político e militar, pois há um duplo movimento, segundo Mitre: a luta pela independência e a regeneração política que produziria soberania de fato e de direito.

Na distância entre os acontecimentos do período e o que Mitre registra estão algumas considerações sobre as tensões observadas pelo historiador. Para ele, o vice-reino do Rio da Prata não era um organismo articulado e, mesmo assim, avançava numa velocidade que se concatenava das questões menores às causas amplas. A Revolução foi:

Local y municipal en su origen ostensible, guerrera en los primeros pasos de su propaganda, popular en su desenvolvimiento, americana en sus tendencias, y nacional en su fórmula concreta, esa revolución fué complicándose gradualmente en sus elementos constitutivos, y al acelerarse en su movimiento, puso en actividad todas las fuerzas, todos los intereses, todas las pasiones, todos los instintos y todas las ideas que de ella surgían, hasta revestir una forma nativa, y revelar un vitalismo próprio, obrando con la espontaneidad de su naturaleza, que dió origen a una vida múltiple y colectiva a la vez (MITRE 1971, p. 38).

A partir da constatação de tensões existentes no vasto território do vice-reino, com seus distintos elementos sociais e políticos, Mitre explica os motivos pelos quais o Paraguai e a Banda Oriental se separaram das demais províncias, assim como as disputas que resultaram na guerra civil na região platina. A ação apaixonada de camponeses, o papel de caudilhos que lideravam povos e que se perpetuavam no poder através de métodos violentos, a participação das massas sem preparação são alguns juízos feitos por Mitre que, dessa forma, expunha

as fissuras existentes e enunciava o seu lugar como historiador e analista dos processos da década de 1810.

A visão de Mitre, no entanto, não se restringia aos aspectos negativos. Dentro de sua concepção política e na lógica de justificar os erros dos liberais-unitários, Mitre articula-se a um domínio do historiador que é a noção de percurso. As incertezas do presente eram encobertas pela garantia de êxito futuro, assim, podemos ler na *Historia de Belgrano*, que aqueles que defendiam a democracia não poderiam evitar o quadro anárquico. Quando muito, poderiam prevenir e regularizar parte da situação, mas não tinham condições de eliminar o quadro de agitação. E isso deve-se “precisamente porque fué una revolución y no una simple mutación de escena o evolución normal; porque era condición de vida y de progreso destruir lo viejo y crear lo nuevo” (MITRE 1971, p. 41).

Além do domínio dos processos que são apresentados, a escrita histórica mitreana expressa a ambiguidade acerca do que estava em curso. A condenação à conflagração está articulada ao elogio das vontades e atuações em prol da libertação. A suposta imaturidade política dos organismos é acompanhada pela observação de um louvável espírito democrático que emergia entre a população. A lógica de Mitre, contrariando parte da leitura teleológica e linear que se atribui a ele, inclui a observação de que deve se observar “la historia tal como es, y no tal como pudo o debió ser” (MITRE 1971, p. 42).

A participação popular, outro elemento instigante nos processos de formação da Argentina, é descrita dentro da mesma ambiguidade discursiva. O povo, categoria essencializada e normativa das histórias emergentes no século XIX, é possuidor de qualidades e defeitos que devem ser vistos por uma perspectiva das contradições que estimulam os processos histórico-sociais. Da mesma forma, as cidades e *pueblos* oscilavam entre o patriotismo local e as experiências que a revolução fazia surgir, nos quais a tradição colonial sucumbia em meio a um quadro paradoxal: em nome da liberdade, tinham que se fragmentar. Nas palavras de Mitre, levados por um “instinto cego de exagerada independência”, de “individualismo quase selvagem” e de “desagregação brutal”, a Banda Oriental, Corrientes, Santa Fé, Córdoba e La Rioja, se opunham a Buenos Aires, ainda nos anos 1816-1817. Esse movimento, entretanto, fez avançar o movimento pela Confederação e, nesse quadro, destacam-se os líderes como Belgrano e San Martín, que coordenando exércitos asfixiaram várias insurreições no interior argentino. Mais uma ambiguidade daqueles processos emerge dos relatos de Mitre: a Confederação surge, em grande medida, pela força da espada.

A visão americana de Mitre

Na *Historia de San Martín y de la emancipación sudamericana* o tema da independência ultrapassa as fronteiras de cada país. As páginas iniciais remontam aos processos coletivos que inclui uma visão sobre as Américas e sua inserção na história universal, que estando de acordo com o pensamento historiográfico oitocentista, equivalia à história europeia. No pêndulo Europa-América, Mitre

observa que o Novo Mundo, ao menos três vezes, significou o estabelecimento do equilíbrio europeu e assegurou seus valores políticos. O primeiro teria sido durante as viagens marítimas e o processo das descobertas e colonização; o segundo na independência dos Estados Unidos, em 1776; e o terceiro, durante as independências na América do Sul.

As contribuições para a Europa reencontrar seus equilíbrios, a partir da América, estão relacionadas a conceitos como Estado moderno, liberdade democrática e o fim do Antigo Regime. No primeiro caso, segundo Mitre, as descobertas de Colombo contribuíram para a consolidação dos Estados modernos: Espanha e Portugal lideraram um processo que obrigou outros países a se organizarem para conquistar e dominar as terras do novo continente. Para o escritor portenho, a civilização europeia estava a ponto de desmoronar e não havia uma única nação coerente e com capacidade produtiva para se sustentar. O segundo, foi a independência das Treze Colônias inglesas, em 1776: a vitória dos colonos era, de alguma forma, a vitória do espírito democrático e do iluminismo inglês. O fato de terem prosperado no Novo Mundo, impulsionou o respeito a leis e ao limite do poder monárquico. O terceiro episódio, após a batalha de Ayacucho, em 1824, consolidava a independência sul-americana e era uma resposta às propostas de Restauração empreendidas por monarcas europeus que queriam restabelecer o absolutismo na Europa e o domínio monárquico sobre a América.

89

O preâmbulo foi uma forma encontrada por Mitre para entrelaçar ideias políticas, processos emancipatórios e uma história continental. As Américas, reconhecidas suas diferenças sociais, políticas, culturais e históricas, teriam uma unidade que se realizava no amor à liberdade. Em *San Martín*, o autor expõe que a história não é um processo isolado: ela possui vínculos com os acontecimentos em outros países. O mesmo se aplica na obra *Belgrano*, quando dedica os primeiros capítulos da história argentina para explicar o funcionamento da economia colonial, a sociabilidade platina e a cidade de Buenos como "mercado americano". São referências que se cruzam para relatar os processos coloniais, as ações dos libertadores como George Washington, Simón Bolívar e José de San Martín.

Mitre expõe, no argumento que justifica o livro, que há um caráter único nas independências sul-americanas, em meio a aparentes dissonâncias. Excluindo a independência mexicana, que não se liga ao sistema militar da América do Sul, Mitre identifica nos dois grandes focos revolucionários, sob as lideranças de San Martín e de Bolívar, a presença da "espada libertadora", a partir da qual se desenvolvem as ações política e militar (MITRE 1946, p. 9).

Pensando de forma mais ampla e se distanciando dos processos similares da América do Sul, Mitre compara as independências dos EUA e da América do Sul. Para o autor há alguns pontos comuns, dentre os quais destacamos a questão da legitimidade política: na América inglesa, havia o pressuposto de que os homens possuíam direitos inalienáveis, recebidos do Criador, e que ninguém, nem mesmo um governante, poderia retirá-los; na América espanhola,

havia o pressuposto de que a soberania regressava aos povos, quando o monarca não estivesse no poder. Em ambos os casos, observa-se a afirmação de vontades políticas nos processos de independência, além do pressuposto de que os povos poderiam se autogovernar, sem a anuência de uma metrópole. Outro aspecto que aproxima as duas Américas, segundo Mitre, são as relações econômicas que acabavam convertendo-se em um problema político de autonomia, por conta da dinâmica do funcionamento colonial.

As independências da América do Sul, concatenadas entre elas em seus desafios, foram para Mitre:

el fenómeno político más considerable del siglo XIX, así por su magnitud y originalidad como por la extensión probable de sus consecuencias futuras. En efecto: la aparición de un grupo de naciones independientes, surgidas de un embrión colonial que yacía en la inercia, y que con elementos nuevos suministran nuevas individualidades a la historia, interveniendo desde luego en la dinámica del mundo: la unificación política de todo un continente, que ocupa la mitad del orbe, proclamando por instinto genial los principios lógicos de la democracia como ley natural y regla universal del porvenir (MITRE 1971, p. 11).

O americanismo possuiria uma expressão valorizada nas democracias. Porém, antes de chegar a esta característica de similaridade, Mitre expôs as diferenças entre os grupos populacionais, as capacidades de cada um e, sobretudo, a aptidão das lideranças *criollas* em conduzir os processos de independência e, extensivamente, do direito delas exercerem o poder político nas jovens nações americanas. As características observadas em San Martín, dessa forma, não seriam exclusivas de uma figura heroica, mas poderiam ser reconhecidas nas elites políticas que partilhavam do ideário da libertação, mesmo que asfixiando divergências e impondo pela força, tais valores. Tal como no relato sobre Belgrano, Mitre articula as informações sobre os processos históricos e defende premissas que se conjugam com sua perspectiva política que, como afirmou Halperin Donghi, Mitre imaginava ser os valores que seriam revelados a todos os homens durante a marcha histórica. A aproximação dos povos americanos, nessa acepção de uma terra propícia à democracia, só é compreensível dentro desse intuito quase missionário, no qual a história tem um valor magistral.

90

Conclusão

Os significados das leituras de Mitre diferem-se ao longo do tempo. As sucessivas gerações que se dedicaram e se dedicam ao estudo do Rio da Prata ou, especificamente, da Argentina do século XIX, depararam-se obrigatoriamente com os textos mitristas. A condição de clássico da historiografia pode afugentar e torná-lo inacessível ao historiador dos tempos atuais. Entretanto, se a leitura não se restringir a indicar aspectos supostamente ultrapassados para a historiografia, será uma oportunidade de conhecer as variações e incertezas dos processos políticos apresentados, ao mesmo tempo em que são apresentados numa escrita vigorosa que exala certezas. As *Historias* de Mitre

possuem tensões que remetem às escritas do século XIX, demonstrando as influências das grandes correntes historiográficas europeias e diante de um desafio de organizar documentos que pudessem evidenciar as peculiaridades e autonomias dos povos e líderes americanos.

A carreira política de Mitre se confunde com sua atuação como historiador. Por mais que o rigor e a visão científica fossem suas bandeiras na escrita da história, apenas os que ignoram sua atuação como militar e político, podem não estar atentos aos juízos morais e políticos que ele defendeu na interpretação dos processos históricos relatados. Esse aspecto, longe de ser um registro sobre a busca da imparcialidade do texto, é ilustrativo das dificuldades metodológicas encontrados pelos historiadores do XIX: não bastava fixar os episódios a serem narrados, mas tinham que justificá-los por meio de uma interpretação e de uma correlação. Pautado pela normatividade do rigor científico, Mitre não poderia simplesmente evidenciar suas propostas políticas: se assim o fizesse, sem a demonstração, sem a comprovação que os documentos indicavam, sua obra seria um manifesto, um panfleto, mas não uma contribuição historiográfica. Tampouco ele necessitava esconder suas aspirações, mas aquelas deveriam vir num contexto que relacionava longos processos e que pudesse indicar algum grau de previsibilidade na história, num jogo refinado de interpretação de um processo que se encerrava algumas décadas antes, mas que se concatenava com o momento da produção e da leitura da obra.

91

É digno de nota que, associada à emergência dos Estados-nação, a história do século XIX foi essencialmente política, mas esse procedimento não era a simples adequação à retórica ou aos embates entre grupos que disputavam o poder político. O discurso histórico tinha que ser revestido de uma pretensão à veracidade e à universalidade. Generalizações, jogos discursivos que inseriam a temporalidade e as ações de sujeitos específicos, como os líderes biografados por Mitre, eram apresentados como um dado nas decisões coletivas. Escrever história no XIX não era uma tarefa simples, como muitas vezes parece aos historiadores do século XXI: a ausência de uma pluralidade de temas e abordagens, comuns nos dias de hoje, não tornava menos árduo o exercício da escrita. Os cânones da época, tão criticados na atualidade, conservam tantas ambiguidades como as certezas que supostamente enunciavam.

Enfrentar os embates entre um discurso científico que se procurava estabelecer para a história e os usos políticos de uma moral republicana não era uma tarefa a ser exercida sem algum tipo de crise ou de sujeição a alguma crítica que ultrapassasse o limite do próprio texto e das fontes articuladas. Mitre, como homem das letras e político hábil que foi, experimentou duras críticas à *Historia de Belgrano* e um reconhecimento grandioso com a de *San Martín*. Entre as duas obras, mais do que uma diferença de estilo ou método, há uma diferença do tempo político, indicando que não era simples a relação entre o político e a história.

Ler e recuperar argumentos e tensões em obras como as de Mitre são atos de reconhecimento a uma cultura historiográfica que é a premissa de

algumas operações que parecem distantes, mas que são próximas. Identificar as contradições e não tomar tais obras como intocáveis é a melhor maneira de fazer com que continuem a nos incomodar com seus limites e potencialidades, evitando o estéril reconhecimento como um patrimônio, mas desconectado da prática dos historiadores do presente.

Referências bibliográficas

ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA. **Mitre**: homenaje de la Academia Nacional de la Historia en el cincuentenario de su muerte (1906-1956). Buenos Aires, 1957.

ALTAMIRANO, Carlos. **Para un programa de historia intelectual y otros ensayos**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

CAMPOBASSI, José S. **Mitre y su época**. Buenos Aires: Eudeba, 1980.

CHIARAMONTE, José Carlos. **Ciudades, provincias, estados**: orígenes de la Nación Argentina (1800-1846). Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. **Historia de la historiografía argentina**. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DEVOTO, Fernando. La construcción del relato de los orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay: las historias de Varnhagen, Mitre y Bauzá. In: MYERS, J. (ed.) **Historia de los intelectuales en América Latina**: la ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Vol. 1. Buenos Aires: Katz editores, 2008.

DUHALDE, Eduardo Luis. **Contra Mitre**: los intelectuales y el poder – de Caseros al 80. Buenos Aires: Punto Crítico, 2005.

EUJANIÁN, Alejandro. Polémicas por la historia.: el surgimiento de la crítica en la historiografía argentina, 1864-1882. **Entrepasados**: revista de historia. Buenos Aires, nº 16, 1999.

FREITAS NETO, José Alves de. As *Histórias* de Mitre: a Argentina e seus outros. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel (org.). **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, p. 389-410, 2009.

HALPERIN DONGUI, Túlio. **Revolución y guerra**: formación de uma elite dirigente em la Argentina criolla. Buenos Aires: Siglo XXI, 1972.

_____. **El espejo de la historia**: problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1987.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

LIMA, Luiz Costa. **Trilogia do controle**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MADERO, Roberto. **El origen de la historia**: sobre el debate entre Vicente Fidel López y Bartolomé Mitre. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

- MITRE, Bartolomé. **Historia de San Martín y de la emancipación sudamericana**. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1946. [1888]
- _____. **Historia de Belgrano y de la independencia argentina**. 3 vol. Buenos Aires: Editorial Estrada, 1971. [1887]
- MYERS, Jorge. **Orden y virtud: el discurso republicano en el régimen rosista**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.
- PALTI, Elías José. **El tiempo de la política**: el siglo XIX reconsiderado. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- _____. **El momento romántico**: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009.
- SÁBATO, Hilda (coord.). **Ciudadanía política y formación de las naciones**: perspectivas históricas de América Latina. México: FCE, Colmex, FHA, 1999.
- SHUMWAY, Nicolas. **La invención de la Argentina**: historia de una idea. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.
- TENORIO TRILLO, Mauricio. **Argúcias de la historia**: siglo XIX, cultura y América Latina. México: Paidós, 1999.
- WASSERMANN, Fabio. **Entre clío y la polís**: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.
- _____. La historia como concepto y como práctica: conocimiento histórico en el Rio de la Plata (1780-1840). **Historia da Historiografia**. Ouro Preto, nº 4, p. 15-36, 2010.